



## DEZ OBSERVAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A VIDA DE CRISTO PARTE I

ESCRITO POR DOUG BOOKMAN (M.DIV., TH.M., TH.D.), PROFESSOR DE ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS E EXPOSIÇÃO BÍBLICA NO SHEPHERDS THEOLOGICAL SEMINARY

O filho de Deus se beneficia grandemente quando adquire uma compreensão adequada da vida do seu Salvador. À medida que nos aproximamos da Páscoa, é nosso dever ponderar novamente a vida do Salvador que celebramos. Sugiro que as observações ou *insights* listados neste artigo (constituído de três partes) são essenciais para um entendimento apropriado da vida mais maravilhosa de todas. Dessa maneira, o crente deve incluir essas realidades, de forma cônica e deliberada, em sua concepção da vida de Jesus Cristo.

***Primeiro: Em sua encarnação, Jesus Cristo, em sentido, grau, momento ou época alguma, abdicou de sua divindade (Colossenses 2.9)***

Na realidade, a própria noção de “abdicar da divindade” é tão incongruente a ponto de ser um absurdo. No entanto, Jesus tomou sobre si, de fato, a natureza humana genuína (Filipenses 2.6–8). Existe mistério infável na proposição *o Verbo se fez carne* (João 1.14) apresentada e detalhada nos Evangelhos. Como bom despenseiro, o crente tem a responsabilidade de dobrar os joelhos diante de tudo quanto as Escrituras ensinam claramente, mesmo que existam dinâmicas e ramificações da verdade revelada que transcendem sua capacidade de compreendê-la totalmente. E as Escrituras deixam claro que a humanidade de Jesus—apesar de isenta de pecado—era genuína e plena. Portanto, quando lemos as narrativas evangelísticas sobre a vida de Jesus, é importante lembrar de que, exceto por aqueles momentos ocasionais e relativamente infrequentes quando o Espírito Santo direcionou Jesus a acessar e empregar habilidades sobre-humanas pertinentes aos seus atributos divinos, Jesus Cristo viveu sua vida debaixo das limitações reais intrínsecas à humanidade não caída em pecado.

***Segundo: O ministério de três anos e meio de Jesus é melhor entendido como compreendendo duas ênfases distintas.***

Os primeiros dois anos e meio são caracterizados pela Apresentação Pública. Nesse período, Jesus se apresenta à nação de Israel como seu Messias, saturando a terra, cidadela após cidadela e sinagoga após sinagoga, com suas alegações e realizando inúmeros milagres para autenticar tais alegações. Esse período inicial termina somente quando Israel revela estar determinada a rejeitar as reivindicações de Jesus, independente de a evidência que ele oferece ser convincente (veja observação número 5 mais adiante).

A Apresentação Pública é seguida por um período de Preparação Particular. Nesse momento, Jesus muda sua tática radicalmente—ele se distancia do território judeu, realiza menos milagres e se expõe às massas com menor frequência. Essa mudança ocorre porque o Senhor busca isolamento com seus discípulos, a fim de lhes revelar algo que sabe ser difícil de aceitar: a realidade de sua morte e ressurreição vindouras. Esse período de enfoque privado nos discípulos dominou o último ano da vida de Jesus, apesar de ele retornar a um foco de



apresentação pública na Judeia e na Pereia no decorrer de alguns meses antes de descer para a Páscoa em Jerusalém, onde morreria.

*Terceiro: No decorrer de seu ministério público, Jesus fez duas alegações explícitas acerca de si mesmo—ele afirmou ser o Messias de Israel (o Cristo) e afirmou ser Deus vindo em carne (Mateus 16.16; Marcos 14.61; João 11.27)*

Essas duas alegações constituem a essência da mensagem que Jesus proclamou e desafiou os homens a crerem a seu respeito (João 20.31). É complicado para nós hoje entender como foi difícil aceitar a veracidade dessas duas afirmações. A declaração de ser o Messias foi difícil de aceitar porque, em vários aspectos, Jesus decepcionou os ideais egocêntricos que os rabinos disseminavam e que seus contemporâneos tanto sustentavam. A declaração de que ele era Deus vindo em carne foi ao mesmo tempo uma contradição e um escândalo. Por outro lado, pelo fato de Jesus viver na prática perfeitamente sua ordem para os discípulos serem *prudentes como as serpentes e simples como as pombas* (Mateus 10.16—ver observação número 9 mais adiante), sua reivindicação de ser o Messias (isto é, o Rei de Israel) foi engenhosamente codificada em figuras e passagens do Antigo Testamento, de forma que sua alegação fosse nítida aos judeus, porém inócua aos líderes romanos (isso porque, caso Jesus tivesse se autoproclamado Messias/rei mais explicitamente, seus inimigos teriam se livrado dele mais depressa, pois Roma não tolerava indivíduos que posavam de rei no Império). Semelhantemente, a declaração de divindade—pedra de tropeço aos judeus, mas aos romanos menos incendiária do que a declaração de ser rei—foi formulada cautelosamente de maneira a ficar evidente aos ouvintes judeus. Por exemplo, as Escrituras insistem que somente Deus é eterno. Assim, quando Jesus afirmou ser pré-existente (João 8.58), os judeus entenderam perfeitamente que ele reivindicava ser Deus.

Parte 2 a seguir em breve.